

RUA 16

RUA 18

RUA 20

AVENIDA 24

AVENIDA 32

RUA 19

RUA 25

RUA 27

RUA 29

RUA 33

46.º FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA DE ESPINHO

25 SETEMBRO

6 DEZEMBRO 2020

Organização



Estrutura financiada pelo
Ministério da Cultura / Direcção Geral das Artes



Apoio Institucional



Apesar do contexto marcado pela situação de crise de saúde pública a nível mundial, o Festival Internacional de Música de Espinho vai realizar a sua 46.ª edição, embora num período e em condições diferentes do que é habitual e com uma programação revista e condicionada em razão das circunstâncias. Contudo, a necessidade cultural e social de voltarmos ao contacto com o espectáculo ao vivo, de contribuirmos para que a estagnada dinâmica cultural renasça e vivifique, e também, de darmos algum contributo – por parco que seja – à expressão da criação artística e aos artistas, leva-nos a que não desistamos e tentemos contrariar o estado letárgico em que todos nos vimos inesperadamente lançados.

A 46.ª edição do FIME, apesar de apresentar um número mais reduzido de concertos e decorrer num período mais espaçado – entre Setembro e Dezembro – mantém, contudo, uma estrutura de programação que materializa a identidade do Festival, apresentando um conjunto de projectos de grande recorte artístico, onde a música erudita, desde o barroco ao contemporâneo, e o jazz, se combinam, sempre com propostas diferenciadas e oportunidades imperdíveis de vivenciar o contacto com grandes músicos e obras de referência.

Destacam-se dois imperdíveis concertos de música barroca na Igreja Matriz, com dois notáveis agrupamentos franceses, abrindo com os “Ofícios das Trevas”, que de algum modo nos remetem para uma reflexão sobre o momento actual – pelo *Le Poème Harmonique* –, e fechando com um momento de grande esplendor, com a rara interpretação nas nossas salas de concertos de três das cantatas de Natal de J. S. Bach – pelo *Le Banquete Céleste*.

Por sua vez, a Orquestra Clássica de Espinho (OCE) e a Orquestra de Jazz de Espinho (OJE) darão expressão a desafios com grandes solistas e maestros: a OCE interpretará Mozart e Beethoven – no ano em que se assinalam os 250 anos do seu nascimento –, contando com o destacado pianista espanhol Javier Perianes e a direcção do jovem maestro Nuno Coelho, vencedor do importante Concurso Internacional de Direcção da Orquestra de Cadaqués e já com uma carreira internacional muito relevante, enquanto que a OJE se apresenta com China Moses uma das mais electrizantes cantoras de jazz da actualidade.

Ainda no jazz, Roberto Negro e Théo Ceccaldi demonstrarão a enorme cumplicidade e inventividade da sua música, e Jan Garbarek, uma das grandes referências do jazz mundial, ombreará com o percussionista indiano Trilok Gurtu, também ele uma personalidade incontornável do mundo da percussão, levando-nos numa viagem pela fusão de géneros, estilos e abordagens que caracterizam a sua música.

O Festival apresentará ainda “*Music for 18 Musicians*”, uma obra fundamental de Steve Reich, – após cerca de 20 anos da última apresentação em Portugal (Porto 2001) – numa coprodução entre o FIME e o *Drumming GP*, que será levada a palco por um conjunto de músicos excepcionais especialmente convidados para darem corpo a este projecto.

Com o apoio fundamental do Ministério da Cultura/ Direcção Geral das Artes e da Câmara Municipal de Espinho, o FIME convida, pois, ao retorno, em condições de segurança adequadas, a momentos únicos de fruição desta arte extraordinária que é a música.

ALEXANDRE SANTOS

Presidente do Conselho Directivo da Academia de Música de Espinho

Em face do actual estado de pandemia que estamos a viver, a 46ª edição do FIME – Festival Internacional de Música de Espinho realizar-se-á num formato diferente do habitual, com sete concertos programados para o Auditório e Igreja Matriz de Espinho entre os meses de Setembro e Dezembro.

Apesar dos tempos difíceis e de um forte constrangimento na actividade cultural em Portugal, o FIME 2020 mantém uma programação de enorme qualidade, repartida entre uma componente musical mais erudita, o jazz e o canto, com a presença das Orquestras Clássica e de Jazz de Espinho. Património cultural da cidade, o Festival de Música é herdeiro de uma tradição musical de excelência, de referência para a cidade de Espinho e de grande prestígio para a cultura em Portugal.

Resta-me desejar a todos um excelente Festival e saudar e agradecer à Academia de Música de Espinho pelo trabalho notável que vem desempenhando em diversas áreas do ensino, da promoção e divulgação da cultura musical, merecendo e justificando todo o apoio e investimento dos poderes públicos e designadamente da autarquia a que presido.

PINTO MOREIRA

Presidente da Câmara Municipal de Espinho

46.º FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA DE ESPINHO

25^o
SET
SEX
21H30

ESPÍRITO VIENENSE
ORQUESTRA CLÁSSICA DE ESPINHO
JAVIER PERIANES *piano*
NUNO COELHO *direcção musical*
AUDITÓRIO DE ESPINHO | ACADEMIA

AS TREVAS NO BARROCO FRANCÊS
LE POÈME HARMONIQUE
VINCENT DUMESTRE *direcção musical*
IGREJA MATRIZ DE ESPINHO

1^o
OUT
QUI
21H30

2^o
OUT
SEX
21H30

SOULFISTICAÇÃO
CHINA MOSES & ORQUESTRA DE JAZZ DE ESPINHO
DANIEL DIAS E PAULO PERFEITO *direcção musical*
AUDITÓRIO DE ESPINHO | ACADEMIA

PROGRAMAÇÃO

MUSIC FOR 18 MUSICIANS

FIME ENSEMBLE & DRUMMING GP

MIQUEL BERNAT *direcção musical*

AUDITÓRIO DE ESPINHO | ACADEMIA

30th
NOV
SEX
21H30

21st
NOV
SAB
21H30

JAZZ SEM FRONTEIRAS

JAN GARBAREK FEAT TRILOK GURTU

AUDITÓRIO DE ESPINHO | ACADEMIA

MONTEVAGO

THÉO CECCALDI *violino*

ROBERTO NEGRO *piano*

AUDITÓRIO DE ESPINHO | ACADEMIA

27th
NOV
SEX
21H30

6th
DEZ
SEX
16H30

CANTATAS DE NATAL

LE BANQUET CÉLESTE

DAMIEN GUILLON *direcção musical*

IGREJA MATRIZ DE ESPINHO



FESTIVAL
INTERNACIONAL
MUSICA DE
JAZZ



45º FESTIVAL
INTERNACIONAL
DE MÚSICA DE
ESPINHO

ORQUESTRA CLÁSSICA DE ESPINHO
JAVIER PERIANES *piano*
NUNO COELHO *direcção musical*

ESPÍRITO VIENENSE



© Igor Studio

25 SETEMBRO, SEX ————— 21H30 AUDITÓRIO DE ESPINHO
| ACADEMIA

80 MINUTOS | M/6

8€ | CARTÃO AMIGO ADE: 4€ | < 25 > 65: 6€

PROGRAMA

Wolfgang Amadeus Mozart

Concerto para Piano em Dó Maior, No. 21, K. 467

Ludwig van Beethoven

Sinfonia No. 6 "Pastoral," op. 68

No ano em que se assinalam os 250 do nascimento de Ludwig van Beethoven, a Orquestra Clássica de Espinho marca a efeméride com duas obras emblemáticas do Classicismo Vienense. A Sinfonia "Pastoral" foi escrita num período de grande fertilidade criativa de Beethoven e tentou recriar elementos que os campos e a natureza suscitavam ao compositor. A rusticidade das danças, o som da caça e das trovoadas são pintados na obra com um colorido inovador. O Concerto para piano em Dó Maior foi escrito num período de grande azáfama. Em Viena, Mozart repartia-se entre aulas, composição, apresentação e uma intensa vida social. Os ideais da ópera e da música orquestral fundiram-se na obra, estreada com uma pessoa muito especial no público: Leopold Mozart, pai, professor, violinista e compositor.

[Javier Perianes] "é um pianista extraordinário e de gosto refinado, criando um som quente e de proximidade"

— **The Telegraph**

A 10 de Março de 1785, Wolfgang Amadeus Mozart estreou o Concerto para piano em Dó Maior, K. 467 num concerto em seu benefício dado em Viena. Terminada no dia anterior, a obra mostra a diversidade estilística do compositor e pianista, que então atravessava um momento de grande reconhecimento. Residente em Viena a partir de 1781, Wolfgang Amadeus Mozart desenvolveu uma intensa actividade, destacando-se enquanto executante do pianoforte, um instrumento em grande desenvolvimento na altura. A estreia do Concerto para piano em Dó Maior deu-se numa altura em que Leopold Mozart, pai de Wolfgang, o visitava em Viena. Leopold, violinista e compositor ao serviço do Príncipe-Arcebispo de Salzburgo, pôde testemunhar o sucesso granjeado pelo filho na cidade imperial. O concerto mistura a inclinação operática de Mozart com o virtuosismo pianístico e a abordagem sinfónica do Classicismo

Vienense. Tem início com um Allegro Maestoso em forma sonata que contrapõe uma marcha satirizada ao melodismo. A profusão de melodias sobrepõe-se a uma construção em que ideias de simplicidade e dramatismo se fundem. O Andante, em forma ABA, contém uma das mais famosas melodias do compositor e encarna a expressividade da ópera. O concerto termina com um rondó-sonata vivo e luminoso, em que um refrão cinético é contraposto a episódios contrastantes, onde pontificam mudanças abruptas e inesperadas. O primeiro e o último andamento contêm cadências virtuosísticas, um mostruário das capacidades expressivas do intérprete, elemento muito valorizado à época.

A Sinfonia No. 6, "Pastoral," é um marco na música orquestral do Classicismo. Estreada em Viena a 22 de Dezembro de 1809, quando as Invasões Napoleónicas se faziam sentir

na Viena dos Habsburgos, evoca o idílio campestre tão caro aos vienenses e encarna o ideal sinfónico beethoveniano, no qual elementos díspares são integrados de forma orgânica. A sinfonia descreve musicalmente elementos da vida bucólica e o compositor atribuiu títulos aos andamentos, retratando uma reminiscência evocativa da Natureza. Despertar de sentimentos alegres ao chegar ao campo encontra-se em forma sonata e as suas células rítmicas remetem para a rusticidade e a simplicidade da música tradicional.

A leveza dos temas propicia um desenvolvimento sem tensão, antecipando uma reexposição luminosa que conduz à coda. O estatismo e a calma do campo encontram-se patentes na Cena à beira de um ribeiro, igualmente em forma sonata. Neste andamento, tal como em grande parte da sinfonia, os temas sucedem-se sem grande oposição nem contraste e são misturados com solos que evocam o

canto dos pássaros. Seguem-se três andamentos sem interrupção. A Alegre reunião de camponeses, em forma scherzo-trio-scherzo incorpora a periodicidade e a rusticidade da dança tradicional, dando lugar ao momento mais intenso da "Pastoral": Temporal, tempestade. Recorrendo a elementos melódicos reminiscentes do andamento anterior, o *pathos* é criado pela acumulação de tensão na harmonia, enfatizada pelos tremolos e pela percussão. Dessa forma, contrasta com o bucolismo idílico do resto da sinfonia, que termina com a acalmia do Canto pastoral: sentimentos de alegria e gratidão após a tempestade, andamento em forma sonata que recupera o tema principal do primeiro andamento, levando a obra a um final calmo e sonhador.

LE POÈME HARMONIQUE
VINCENT DUMESTRE *direcção musical*
VINCENT DUMESTRE *teorba* | EUGÉNIE LEFEBVRE *soprano* |
FLORIANE HASLER *soprano* | ANAÏS BERTRAND *contralto* |
RONALD MARTIN-ALONSO *viola* | FLORIAN CARRÉ *órgão e cravo*

AS TREVAS NO BARROCO FRANCÊS

© Jean-Baptiste Millot

1 OUTUBRO, QUI _____ 21H30 IGREJA MATRIZ DE
ESPINHO

80 MINUTOS | M/6

ENTRADA LIVRE

ENTRADA SUJEITA A LEVANTAMENTO DE CONVITES NA BILHETEIRA DO AUDITÓRIO DE ESPINHO | ACADEMIA, DISPONÍVEIS A PARTIR DO DIA 17 DE SETEMBRO (ATÉ AO LIMITE DA LOTAÇÃO PERMITIDA)

PROGRAMA

Gabriel Nivers (1632–1714)

Antífona *Zelus domus tuae*
(cantochoão)

Salmo *Salvum me fac Deus*
(cantochoão)

Versículo *Dum conveniren*

François Couperin (1668–1733)

Première leçon à une voix pour
le Mercrediy Saint

Messe Solemnelle - Tierce en
taille

Deuxième leçon à une voix
pour le Mercrediy Saint

Messe Solemnelle - Cromorne
en taille

Troisième leçon à deux voix
pour le Mercrediy Saint

Gabriel Nivers

Antífona *Justificieris Domine*

Louis-Nicolas Clérembault (1676–1749)

Miserere à trois voix

*Cantochoão retirado do
Antiphonarum Parisiense, Paris,
Sébastien Mabre-Cramoisy, 1681*

“O concerto foi uma obra-prima, tanto a nível técnico, como musical – um programa perfeitamente equilibrado e diverso, interpretado com elegância e naturalidade. Foi um verdadeiro prazer testemunhar [esse momento]”

— **Bachtrack**

Os Ofícios de Trevas são dos momentos mais expressivos da música católica. Cantados nos três dias que antecedem a Páscoa, eram acompanhados da gradual redução da iluminação nas igrejas, até à escuridão total. O som das vozes ecoava no espaço religioso de uma forma intensamente expressiva. Não admira que os Ofícios de Trevas fossem tão cultivados pelos compositores católicos do Renascimento e do Barroco. Os músicos traduziram em som um momento de grande recolhimento e profunda teatralidade da narrativa bíblica, criando obras marcadamente dramáticas. No Barroco, a música sofreu grandes transformações. A valorização das vozes solistas e do baixo contínuo permitiu uma expressividade cada vez mais centrada na palavra. Baseadas nas Lamentações de Jeremias e escritas entre 1713 e 1715, as “Leçons de Ténèbres” de François Couperin são um exemplo destacado da música barroca francesa, em que o despojamento de meios contribuiu para centrar a atenção na palavra cantada. O ensemble reconstituiu a apresentação da obra no espaço religioso, criando momentos de grande dramatismo.



AS TREVAS NO BARROCO FRANCÊS

O Barroco é um período fascinante da arte francesa. O desenvolvimento da ópera e do bailado reflectiram uma nova cultura de corte, centrada em novas formas de comportamento. Essa visão do mundo estendeu-se à música religiosa, que se encontrava num compromisso entre devoção e espectáculo. Os Ofícios de Trevas são cerimónias extremamente expressivas no ritual católico. Cantados nos três dias que antecedem a Páscoa, contêm algumas das páginas mais dramáticas da música litúrgica. A sua designação relaciona-se com a redução gradual da iluminação nas igrejas enquanto estes eram apresentados, até à escuridão total. O presente concerto apresenta um programa diversificado onde predominam obras do Tempo Pascal, incluindo cantochão retirado de um antifonário francês do Barroco, rubricas de Missas para órgão, um salmo escrito para três vozes solistas e as três

“Leçons de Ténèbres” de François Couperin. Baseadas nas Lamentações de Jeremias e escritas entre 1713 e 1715, as “Leçons de Ténèbres” são um exemplo destacado da música francesa do Barroco. François Couperin foi um dos mais importantes compositores e organistas da época, misturando elementos locais com as estéticas vindas de Itália. Apresentadas na Quarta-Feira Santa, as “Leçons de Ténèbres” são caracterizadas pelo despojamento austero, que centra a atenção do público na palavra cantada ao longo de uma obra dominada por mudanças abruptas. O recurso a uma ou duas vozes solistas remete para o universo operático, em que a expressividade se encontrava intimamente associada à enunciação clara do texto, criando um universo de contrastes entre efectivos, texturas e ambientes. O baixo contínuo apoia as vozes solistas, cujo registo oscila entre o virtuosismo do palco e a

introspecção da igreja. Tal como François Couperin, Louis-Nicolas Clérambault foi um dos maiores expoentes do órgão barroco francês. Em “Miserere”, um salmo penitencial arranjado a três vozes e usado nos Ofícios de Trevas, mostra-se enquanto compositor de música vocal. A importância do contraste entre secções recitadas e partes cantadas na música vocal é aqui central, metabolizando as convenções da ópera de uma forma particular, adequando-as ao contexto intimista da Semana Santa. A alternância entre o cantochão e o órgão é uma constante nas missas do Barroco francês, modelo para o qual Gabriel Nivers e François Couperin contribuíram. Assim, a antífona “Zelus domus tuae” e o salmo “Salvum me fac Deus”, pertencentes aos Ofícios das Trevas, são complementados pelo versículo para órgão “Dum convenirent”. A “Messe Solemnelle” foi publicada em 1690 e era direccionada às paróquias francesas com

poucos meios. Das poucas obras para órgão de François Couperin que sobreviveram, integra passagens marcantes da escola organística barroca desse país, patentes em “Tierce en taille” e “Cromorne en taille” pertencentes ao “Kyrie” e ao “Benedictus”, respectivamente. Em suma, um concerto que nos leva a um dos períodos áureos da música francesa com obras que encarnam a devoção religiosa da época.

CHINA MOSES &
ORQUESTRA DE JAZZ DE ESPINHO
DANIEL DIAS E PAULO PERFEITO *direcção musical*

© Sylvain Norget

SOULFISTICAÇÃO

2 OUTUBRO, SEX

21H30

AUDITÓRIO DE ESPINHO
| ACADEMIA

70 MINUTOS | M/6

8€ | CARTÃO AMIGO ADE: 4€ | < 25 > 65: 6€

Orquestra de Jazz de Espinho

Saxofone

Rafael Gomes
Nuno Martinho
Diogo Mendes
Diogo Dias
Lucas Oliveira

Trombone

Hugo Caldeira
Miguel Bessa
Pedro Costa
Rui Bandeira

Trompete

Luís Macedo
Lara Lopes
Viviana Santos
João Silva

Piano

Mike Gorman

Contrabaixo

Filipe Teixeira

Guitarra

AP Neves

Bateria

João Cunha

China Moses é uma estrela em ascensão da música americana. Nascida no meio artístico, a sua carreira eclética atravessou diversos estilos da música negra americana, das homenagens às grandes cantoras de jazz passando pelo blues, soul e hip-hop. A sua abordagem reflecte o ecletismo de um percurso artístico particular, intensificada por uma presença em palco avassaladora. O *swing*, o peso dado à palavra e os arranjos de grande precisão são características da sua carreira, um cruzamento de estilos que, garantidamente, irão colocar o público a mexer. Neste concerto, China Moses actuará com a Orquestra de Jazz de Espinho, apresentando canções que marcaram a sua carreira.

China Moses voz

Mike Gorman piano*

Daniel Dias e Paulo

Perfeito direcção
musical

*músico convidado

“O jazz surge-lhe [a China Moses] de forma natural – com uma mãe como Dee Dee Bridgewater, não surpreende que lhe esteja no sangue, mas ela traçou o seu próprio caminho, o qual inclui influências do hip hop e blues”

— **London Jazz News**

China Moses é uma das jovens mais carismáticas e interessantes a emergir nos últimos anos da música americana. Nascida numa família ligada às artes, é filha do realizador Gilbert Moses e da cantora Dee Dee Bridgewater. A sua carreira revela um grande ecletismo, reflexo do seu interesse pela tradição musical afro-americana. Presta homenagem às grandes damas do jazz, como Diana Washington, através de projectos de reconstrução criativa do seu repertório em conjunto com o pianista francês Raphaël Lemonnier, com quem China Moses desenvolve uma relação de grande cumplicidade. Lemonnier, aluno de Jaky Byard, herdou do mestre a capacidade de metabolizar e condensar a tradição pianística do jazz em temas intemporais. Em álbuns como *Crazy Blues*, atravessam

a história da música americana, referenciando o estabelecimento de uma tradição vocal feminina a partir das suas figuras maiores. A alma do blues, do jazz e do soul pontifica nesse registo fonográfico. Em *Nightingales*, China Moses e Raphaël Lemonnier incorporaram estilos mais contemporâneos, como o hip-hop, numa fusão muito bem conseguida. O ritmo contagiante, a forte presença em palco, a força da palavra, serão intensificados pelos arranjos feitos à medida da cantora e interpretados pelos jovens músicos que integram a Orquestra de Jazz de Espinho. Um percurso por décadas de música americana sintetizado num grande concerto, principalmente dedicado ao ecletismo do álbum *Nightingales*.



FIME ENSEMBLE & DRUMMING GP
MIQUEL BERNAT *direcção musical*

MUSIC FOR 18 MUSICIANS



© Jeffrey Herman

30 OUTUBRO, SEX ————— 21H30 AUDITÓRIO DE ESPINHO
| ACADEMIA

60 MINUTOS | M/6

8€ | CARTÃO AMIGO ADE: 4€ | < 25 > 65: 6€

PROGRAMA

Steve Reich (1936-)

Music for 18 musicians

Piano

João Almeida

Lígia Madeira

Luís Duarte

Teresa Doutor

Vozes

Ângela Alves

Eva Braga Simões

Gabriela Braga Simões

Leonor Barbosa de Melo

Violino

Vítor Vieira

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov

Clarinete

Ricardo Alves

Victor Pereira

Percussão

André Dias

João Dias

Miquel Bernat

Nuno Simões

Pedro Góis

Rui Rodrigues

“A obra-prima composta por Steve Reich em 1976 é um dos marcos musicais do século XX e já conquistou a sua própria tradição performativa”

— **The Guardian**

“Os ritmos pulsantes são, em determinados momentos, irresistivelmente hipnóticos e, ainda assim, nas alturas em que se sente a sucumbir à sua sedução, sucedem-se pequenas mudanças no volume ou nos ritmos que nos trazem de volta à concentração e ao foco, afastando-nos de qualquer complacência momentânea”

— **The Upside News**

Steve Reich é uma das grandes referências vivas da música contemporânea. Escrita entre 1974 e 1976, “Music for 18 Musicians” é uma das obras mais emblemáticas da sua produção. Raramente tocada, a sua apresentação é uma grande aposta do FIME 2020. Ao longo de cerca de uma hora, 18 partes musicais interagem de forma a criar uma atmosfera quase religiosa, uma espécie de transe em que o corpo e a mente se fundem numa experiência sensorial única. Afastando-se dos modelos que marcaram o início da sua carreira, Reich usou instrumentos aos quais nunca tinha recorrido, agrupou ciclicamente acordes que se transformam e sobrepõem duas correntes distintas de tempo, o tempo regular que marca a pulsação da obra e o tempo das vozes e dos instrumentos de sopro. A sobreposição e sucessão de *ostinati* criam um ambiente encantatório, no qual o som se aproxima e distancia do ouvinte. A repetição de padrões que se transformam, como na música para gamelão indonésio ou para um conjunto de tambores do Gana, apresenta aos nossos sentidos um novo mundo de espaço e de tempo numa obra essencial do século XX.

Steve Reich é uma referência maior da música contemporânea e “Music for 18 Musicians” é uma das suas obras mais importantes. Composta entre 1974 e 1976, marcou uma transformação na abordagem e no estilo do compositor. Até então, Reich dedicava-se a escrever peças para pequenos agrupamentos. Com “Music for 18 Musicians”, aplicou alguns dos elementos característicos do seu estilo, desenvolvendo-os com novas ideias. A obra foi estreada a 24 de Abril de 1976, num concerto realizado na The Town Hall, uma sala de concertos emblemática de Nova Iorque. “Music for 18 Musicians” foi escrita para percussão, pianos, clarinetes, violino, violoncelo e vozes femininas, recorrendo a amplificação em alguns instrumentos. Até “Music for 18 Musicians”, grande parte da produção de Reich encontrava-se associada à *process music*, abordagem na qual as obras eram fruto de processos audíveis

de construção. Dessa forma, contrastavam com algumas vanguardas musicais da época, em particular as correntes estéticas cultivadas pelos compositores associados ao serialismo e pós-serialismo. As peças de Reich recorriam frequentemente à repetição e sobreposição ciclicamente desfasada de células curtas, remetendo para o universo do tempo circular associado à música da Índia, da Indonésia e da África Ocidental. “Music for 18 Musicians” encontra-se firmemente enraizada na tradição da *process music* linear, mas atribui maior dominância a aspectos harmónicos. A obra baseia-se na sucessão de 11 agregados sonoros que evocam a sobreposição de tonalidades e são apresentados, sucessivamente, no início e no fim da peça. Assim, cada uma das 11 secções de “Music for 18 Musicians” é baseada em *ostinati* retirados das notas do respectivo agregado, tendo início com a



apresentação de um padrão fundamental, ao qual são adicionados e sobrepostos motivos. Nessa construção, Reich trata a melodia de forma independente da harmonia, desenvolvendo os seus elementos de forma cumulativa. Novas notas e timbres são introduzidos, criando uma complexa trama contrapontística em que a repetição e a transformação se dão simultaneamente. Dessa forma, o contraste de dinâmicas, timbres e ataques ocupa um lugar central em “Music for 18 Musicians”. Paralelamente, Reich sobrepõe duas correntes distintas de tempo, o tempo regular que marca a pulsação da obra e o tempo das vozes e dos instrumentos de sopro, e adensa e aligeira a textura, criando efeitos curiosos de espacialização sonora. Dessa forma, modifica a noção de tempo e de espaço do ouvinte, numa obra que remete tanto para uma civilização dominada pela repetição regular e

periódica proporcionada pela maquinaria como para a ancestralidade de cerimónias em que o transe é induzido através da repetição de elementos. Não admira que “Music for 18 Musicians” tenha uma aura especial, intensificada com o lançamento da sua primeira gravação fonográfica em 1978 pela ECM.

JAN GARBAREK FEAT TRILOK GURTU

JAN GARBAREK *saxofone* | TRILOK GURTU *percussão* |
RAINER BRÜNINGHAUS *piano* | YURI DANIEL *baixo*



JAZZ SEM FRONTEIRAS

21 NOVEMBRO, SAB _____ 21H30 AUDITÓRIO DE ESPINHO
| ACADEMIA

120 MINUTOS | M/6

8€ | CARTÃO AMIGO ADE: 4€ | < 25 > 65: 6€

Jan Garbarek é um músico que dispensa apresentações. O seu estilo contribuiu, decisivamente, para o estabelecimento do catálogo da editora ECM como referência no panorama do jazz. Misturando elementos de improvisação jazzística com o melodismo da música tradicional escandinava, Garbarek é uma figura de proa no panorama internacional do jazz europeu. Além da abordagem inovadora à composição e improvisação, Garbarek lidera um grupo de músicos formados em diversas tradições. Os instrumentos e ritmos da Ásia misturam-se com melodias quase folclóricas de vários países, criando um mosaico sonoro que antecipou o conceito de World Music. Improvisações quase telepáticas, conduzindo temas de características muito próprias darão a tônica ao presente concerto, uma viagem pela fusão de géneros, estilos e abordagens, numa electrizante mistura.

“O estilo e o tom característicos de Garbarek no saxofone tenor e soprano (...) tornaram-se parte integrante do chamado e já reconhecido ‘som da ECM’”
— **BBC Music**

JAZZ SEM FRONTEIRAS

Jan Garbarek construiu um percurso singular no jazz da segunda metade do século XX. Nascido na Noruega, desenvolveu uma abordagem pessoal à improvisação, na qual se destacam o timbre característico do saxofone, o melodismo diatónico que evoca a música tradicional norte-europeia e a valorização do silêncio como elemento estruturante das suas improvisações.

Assim, construiu obras intemporais e difíceis de categorizar, influenciando directamente na criação de um estilo de composição e improvisação marcadamente europeu que teria um dos seus palcos mais destacados nos estúdios da editora alemã ECM Records. No catálogo dessa editora pontificam músicos como Garbarek, Keith Jarrett, Terje Rypdal, Ralph Towner, Eberhard Weber ou Kenny Wheeler, com quem Garbarek colaborou.

Paralelamente, a editora apresenta projectos de

cruzamento entre domínios musicais. O álbum *Officium*, que juntou Garbarek ao agrupamento vocal Hilliard Ensemble, valorizando a abordagem melódica do saxofonista, misturando-a com música vocal medieval e renascentista, foi um dos esforços da editora com maior sucesso comercial.

O presente concerto é um encontro, mas num contexto diferente. Um norueguês, um alemão, um indiano e um brasileiro juntam-se para apresentar música que bebe de muitas tradições, transformando-as e misturando-as num som especial. A criatividade do quarteto é especialmente patente nas improvisações arrojadas, em que as melodias contemplativas desenvolvidas por Garbarek se misturam com instrumentos e ritmos da Ásia, usados por Trilok Gurtu, uma das grandes referências vivas e criativas da percussão, com o virtuosismo do contrabaixista e baixista brasileiro Yuri Daniel,



que passou algum tempo em Portugal, apresentando-se com agrupamentos locais, e o estilo do teclista alemão Rainer Brüninghaus, misturando lirismo com os ritmos circulares e hipnóticos das vanguardas musicais do pós-Segunda Guerra Mundial.

O Jan Garbarek Group é uma formação heterogénea com ligações a muitos tempos e espaços, um agrupamento todo-o-terreno que derruba fronteiras entre géneros e estilos nos seus concertos. Invenção, imprevisibilidade e um entendimento perfeito serão aspectos omnipresentes neste concerto imperdível.



THÉO CECCALDI *violino*
ROBERTO NEGRO *piano*



MONTEVAGO

27 NOVEMBRO, SEX _____ 21H30 AUDITÓRIO DE ESPINHO
| ACADEMIA

90 MINUTOS | M/6

8€ | CARTÃO AMIGO ADE: 4€ | < 25 > 65: 6€

Montevago é um palácio situado numa colina de Palermo e título do álbum lançado em 2019 pelo violinista francês Théo Ceccaldi e pelo pianista italiano radicado em França, Roberto Negro. Ceccaldi e Negro são duas estrelas em ascensão no panorama do jazz europeu, fundindo criatividade com um grande apuro técnico e expressivo. As danças sociais dão o mote para um trabalho criativo de construção e transformação dessas tradições numa perspectiva contemporânea, incluindo elementos de géneros tão heterogéneos como a tarantela e o tango. Num duo altamente móvel, coeso e imprevisível, em que pontificam a espontaneidade, a irreverência e uma afinidade quase telepática, Ceccaldi e Negro prometem um concerto cheio de emoções fortes, de inovação improvisada e de revisitação de sons familiares, numa mescla electrizante e imperdível.

“O violinista [Théo Ceccaldi] e o pianista [Roberto Negro] continuam a levar os seus instrumentos ao limite e a torturar as respectivas cordas de todas as formas necessárias, para extrair delas capacidades como o tom e a percussão que não se pensavam ser possíveis de alcançar”

— **Qwest.tv**

No topo de uma colina de Palermo, encontra-se um palácio. De seu nome Montevago, inspirou o álbum homónimo lançado em 2019 por Théo Ceccaldi e Roberto Negro. Nele, pontificam a nostalgia e a inovação, categorias em permanente diálogo através de técnicas associadas à improvisação misturadas com elementos associados às vanguardas da música erudita. Das danças populares ao piano preparado, a cumplicidade dos intervenientes encontra-se bem patente num encontro em que modernidade e tradição são constantemente colocadas face a face.

Assim, a negociação entre passado, presente e futuro é uma constante neste duo. A atmosfera contemplativa de *Il était Une Fois Deux Fois Trois Fois* é construída a partir de motivos que se repetem sob uma melodia angular em transformação.

“Mai Juin Juinquillet Juin Janvier” é um tema vivo, comandado pelo recurso

a *ostinati* sincopados, criando um ambiente encantatório evocativo do minimalismo erudito. A melodia apresentada pelo piano com acompanhamento de violino de “Aiutamicristo” começa um tema construído a partir de secções contrastantes. A percussividade e o lirismo alternam e sobrepõem-se numa estrutura que garante muito espaço para a improvisação.

“Zodiac Poisson”, um tema com letra de Roberto Negro, incorpora sons mecânicos e repetitivos numa estilização de canção, enquanto “Nera Nera” estiliza a habanera latino-americana, distorcendo-a com uma melodia dissonante.

O carácter vivo de “Romeo Rodeo” é marcado pela velocidade estonteante, pelos ritmos assimétricos e pelas dissonâncias. Remetendo para o universo do country norte-americano, metaboliza-o numa forma marcadamente futurista e pessoal.

“Comète” é um tema em que



uma melodia orientalizante do violino é apresentada sobre o acompanhamento insistente do piano, com secções cheias de tensão devido às dissonâncias. A percussividade e os ritmos cíclicos destacam-se em “Pinball Cantabile” que recorre à transformação do timbre dos instrumentos. As melodias de “C’est Chaud C’est Glacé serpenteiam” em torno de uma nota principal e são suportadas por ritmos da música popular ao longo das

secções contrastantes. A “Tarantella” tem muito poucas características da dança tradicional italiana, apresentando-se como um lamento calmo e misterioso em que a repetição assume uma função nostálgica e introspectiva. Virtuosismo, contraste, improvisação e complementaridade serão os outros temas fortes em *Montevago*, projecto de duas estrelas em ascensão do jazz europeu.

LE BANQUET CÉLESTE
CÉLINE SCHEEN *soprano*

DAMIEN GUILLON *contratenor e direcção musical*

THOMAS HOBBS *tenor*

BENOÎT ARNOULD *baixo*



CANTATAS DE NATAL

© Julien Benhamou

6 DEZEMBRO, DOM _____ 16H30 **IGREJA MATRIZ DE ESPINHO**

80 MINUTOS | M/6

ENTRADA LIVRE

ENTRADA LIVRE SUJEITA A LEVANTAMENTO DE CONVITE NA BILHETEIRA DO AUDITÓRIO DE ESPINHO | ACADEMIA, DISPONÍVEIS A PARTIR DO DIA 22 DE NOVEMBRO (ATÉ AO LIMITE DA LOTAÇÃO PERMITIDA)

PROGRAMA

Johann Sebastian Bach (1685-1750)

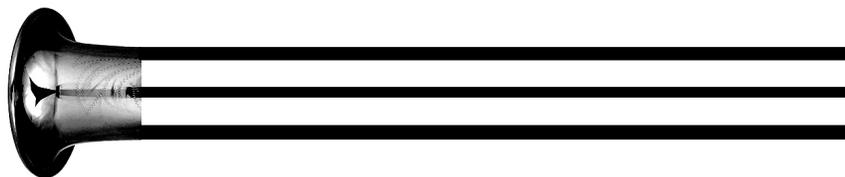
Cantata No. 36 "Schwingt freudig euch empor"

Cantata No. 62 "Nun komm der Heiden heiland"

Cantata No. 64 "Sehet, welch eine Liebe hat uns der Vater erzeiget"

Johann Sebastian Bach é um dos expoentes máximos do Barroco tardio. Desenvolvendo grande parte da carreira em igrejas luteranas, incorporou a teologia em obras musicais de grande relevo e expressividade. Um dos pontos altos do ano litúrgico cristão é o Natal, e Bach escreveu diversas obras para essa festa. Le Banquet Cèleste, um agrupamento especializado na recriação desse repertório, propõe-nos um concerto singular com duas cantatas de Advento ("Schwingt freudig euch empor" e "Nun komm der Heiden heiland") e uma de Natal ("Sehet, welch eine Liebe hat uns der Vater erzeiget"). Nestas obras, Bach condensou o dramatismo e a teatralidade associados ao Barroco, criando momentos de profunda aproximação à divindade. As peças são destinadas a vozes solistas e a um pequeno efectivo instrumental, aproximando-se dos agrupamentos que estariam ao dispor do compositor na cidade de Leipzig na primeira metade do século XVIII. Virtuoso, contraste e mestria fundem-se na linguagem de um dos grandes mestres da História da Música.

"O contratenor Damien Guillon e o seu grupo Le Banquet Céleste proporcionaram uma noite brilhante e profunda na apresentação das soberbas Cantatas de Bach, graças ao talento inigualável e ao trabalho notável do ensemble"
— **Olyrix**



O presente concerto apresenta duas cantatas de Advento e uma de Natal escritas por Johann Sebastian Bach entre 1723 e 1731. Nessa época, o compositor encontrava-se em Leipzig, onde era Kantor da Igreja de São Tomé e desenvolvia actividades centradas na música religiosa. No Luteranismo, a cantata enquadra musicalmente as leituras do calendário litúrgico. Leipzig era um bastião do Luteranismo Ortodoxo numa época em que movimentos como o Pietismo e o Racionalismo se difundiam rapidamente.

Nas cantatas, a sensibilidade barroca intensifica e promove a devoção. “Schwingt freudig euch empor” foi escrita em 1731 para as celebrações do primeiro Domingo do Advento, marcando o início do período penitencial que antecede a celebração do nascimento de Cristo. Um ritornello instrumental antecipa a entrada sucessiva das vozes do coro, com “Schwingt freudig euch empor,” uma secção baseada nos jogos de pergunta-resposta entre

vozes e instrumentos onde se destacam os solos dos oboés d’amore.

A melodia do hino de Advento escrito por Lutero, “Nun komm, der Heiden Heiland” é apresentada, de forma contrapontística, pelos solistas na secção seguinte sobre um acompanhamento de ritmo regular. A ária “Die Liebe zieht mit sanften Schritten” é introduzida pelo oboé, que tem um papel tão destacado quanto o do tenor solista. A introspecção meditativa é apresentada no coral “Zwingt die Saiten in Cythara”, terminando a primeira parte da cantata.

A segunda parte tem início com uma introdução do agrupamento instrumental que prepara a entrada da ária para baixo “Willkommen, werter Schatz!”, com motivos que evocam a primeira secção da cantata.

A melodia austera de “Der du bist dem Vater gleich”, outra estrofe do hino “Nun komm, der Heiden Heiland” é apresentada pelo tenor enquanto elemento que suporta o movimento da

orquestra. Segue-se uma ária em forma ABA protagonizada pelo soprano e pelo violino solista e marcada pela dualidade entre virtuosismo e contenção, “Auch mit gedämpften, schwachen Stimmen”. A cantata termina com o breve coral “Lob sei Gott dem Vater ton”, que retoma “Nun komm der Heiden Heiland”. A cantata “Nun komm der Heiden Heiland” foi composta em 1724 e o início apresenta a melodia do hino de forma contrapontística, suportando as intervenções movimentadas da orquestra. Segue-se a ária “Bewundert, o Menschen, dies große Geheimnis”, em forma ABA e com ritmo de dança. O dramatismo barroco emerge no recitativo “So geht aus Gottes Herrlichkeit und Thron”, que prepara a ária “Streite, siege, starker Held!” cujo tom heróico e os melismas virtuosísticos contribuem para a sua vivacidade. A descompressão e acalmia chegam com o dueto recitado “Wir ehren diese Herrlichkeit”. A última estrofe de “Nun komm der Heiden Heiland” apresentada numa textura de

coral conclui a cantata. Estreada a 27 de Dezembro de 1723, tempo de Natal e dia de S. João Evangelista, “Sehet, welch eine Liebe hat uns der Vater erzeiget” foi escrita para um agrupamento mais alargado, que inclui instrumentos de bocal. Um motete coral, no qual se destacam o contraponto e a imitação numa atmosfera de movimento perpétuo, introduz a peça e promove a reflexão no coral “Das hat er alles uns getan”. A tensão emerge no recitativo “Geh, Welt, behalte nur das Deine”, para ser dissipada no coral “Was frag ich nach der Welt”, que prepara a ária virtuosística e em textura de dança “Was die Welt in sich hält”, com um papel destacado do violino. O recitativo “Der Himmel bleibet mir gewiß” é marcado pela solenidade dramática, que contrasta com o lirismo da ária “Von der Welt verlang ich nichts”, em forma ABA e onde o oboé d’amore desempenha um papel destacado. A cantata termina com o coral “Gute Nacht, o Wesen”, o ponto final neste percurso pela música religiosa de Johann Sebastian Bach.





**AUDITÓRIO DE ESPINHO
| ACADEMIA**
Rua 34 884,
4500-318 Espinho

IGREJA MATRIZ DE ESPINHO
Rua 27 461,
4500-001 Espinho

**COMO CHEGAR AO AUDITÓRIO
DE ESPINHO | ACADEMIA**

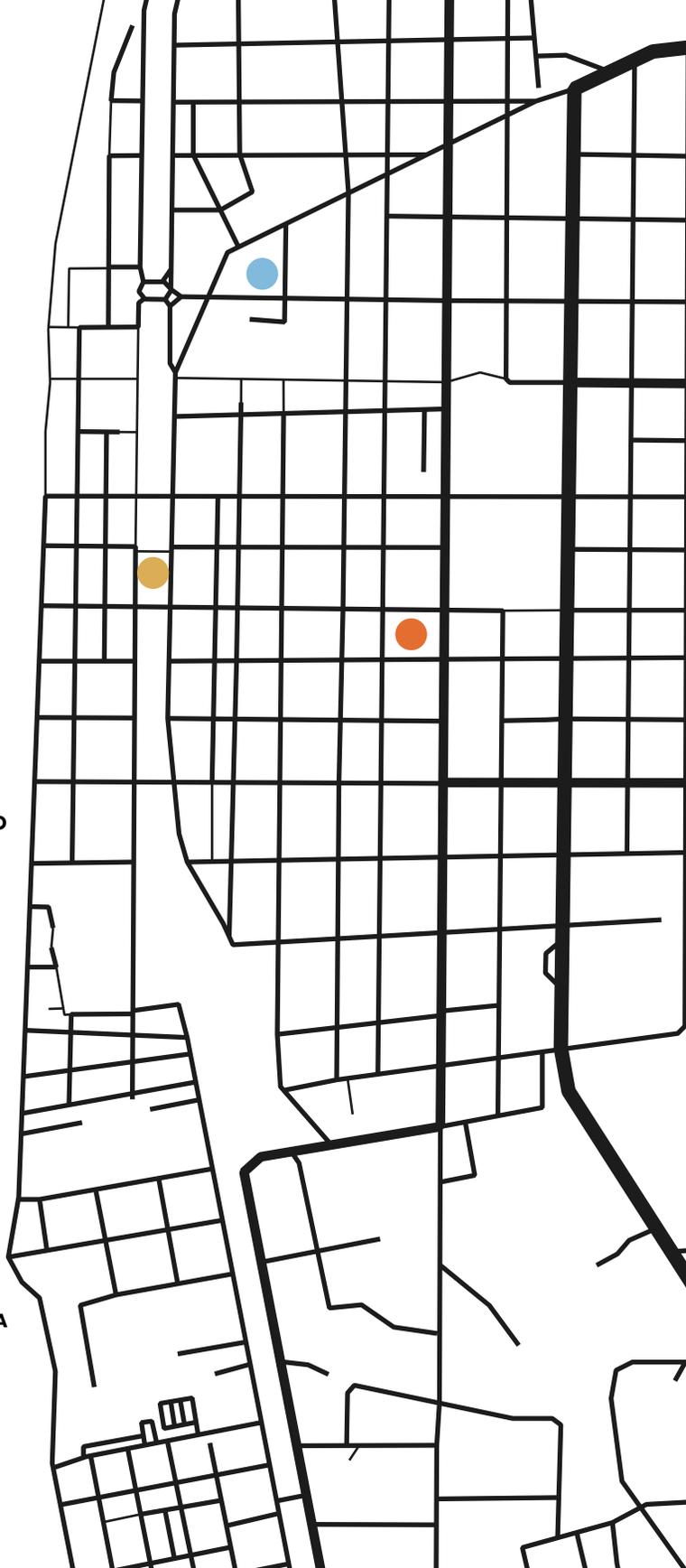
De carro
A1, A29, A41

De Comboio
**ESTAÇÃO DE CAMINHOS DE
FERRO DE ESPINHO**
Avenida 8,
4500-207 Espinho

www.cp.pt
20 minutos a pé
1,4 km via Rua 33

De Autocarro
AUTOVIAÇÃO DE ESPINHO, LDA
Rua 15 302,
4500-227 Espinho

18 minutos a pé
1,3 km via Rua 15





BILHETES

PREÇO NORMAL 8€

CARTÃO AMIGO AdE 4€

< 25 > 65 6€

ALUNOS AME | EPME 4€

PROFESSORES AME | EPME 4€

SÓCIO AME 6€

SÓCIO NASCENTE 6€

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA M/6

Os bilhetes adquiridos com desconto especial são pessoais e intransmissíveis. Poderá ser solicitada a identificação do portador à entrada para a sala.

O acesso aos eventos do Festival Internacional de Música de Espinho está sujeito ao cumprimento das orientações do Ministério da Cultura e da Direção-Geral de Saúde, no que diz respeito às normas estabelecidas para os eventos culturais e em vigor à data do espectáculo.

RESERVAS

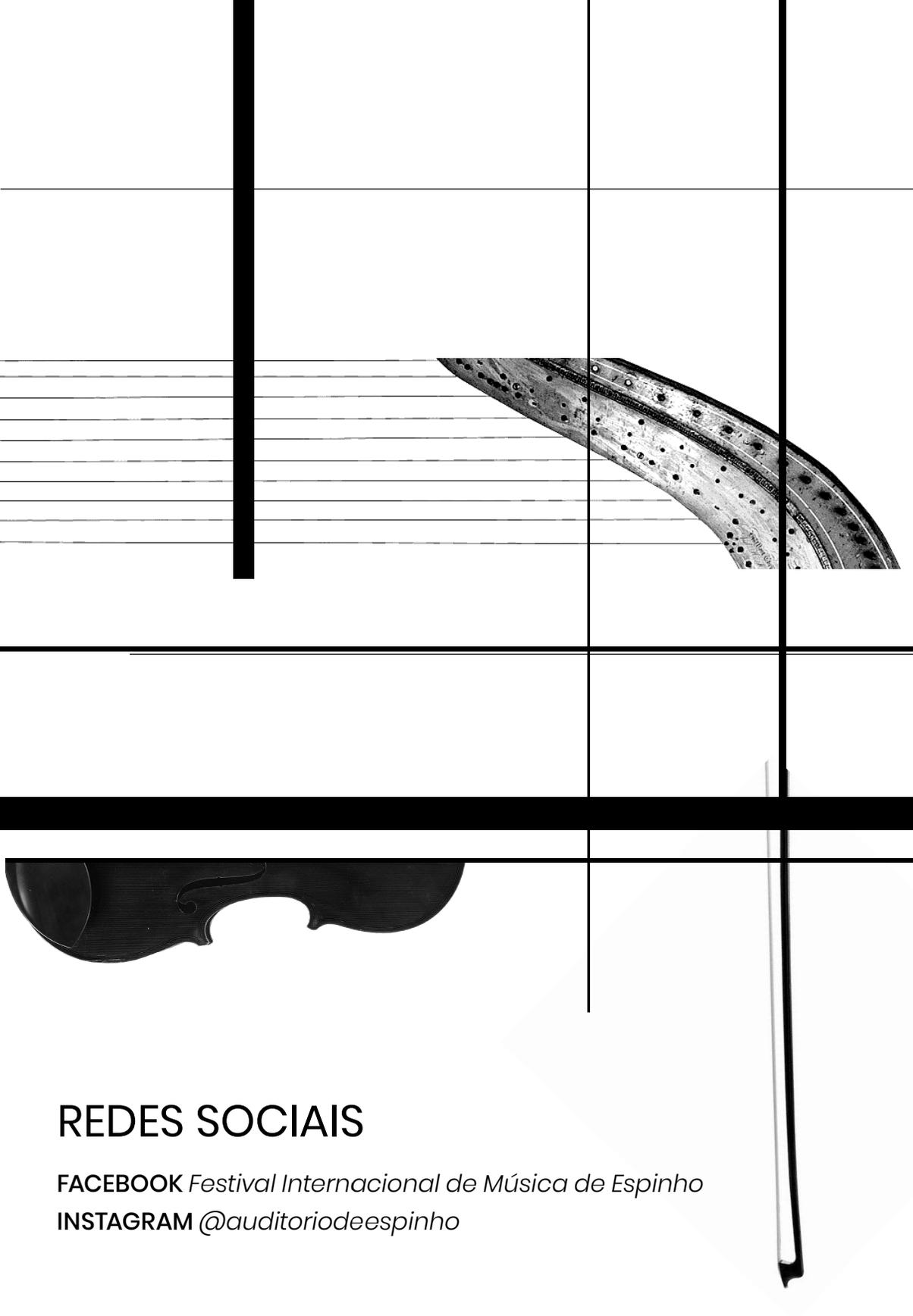
Rua 34, 884

4500-318, Espinho

+351 227 341 145 | 227 340 469

www.musica-esp.pt

Para efectuar a sua reserva contacte-nos através do email reservas@musica-esp.pt. As reservas têm a validade de 48 horas após efectivadas, sendo anuladas caso não ocorra, nesse período, o respectivo pagamento. Os lugares na sala são marcados. Não se efectuam devoluções ou trocas de bilhetes.



REDES SOCIAIS

FACEBOOK *Festival Internacional de Música de Espinho*

INSTAGRAM *@auditoriodeespinho*

Organização



Estrutura financiada pelo
Ministério da Cultura / Direcção Geral das Artes



Apoio institucional



Apoios



Media partners



Coordenação

Alexandre Santos

Programação

Alexandre Santos

João Silva

Sérgio Garcia

Produção Executiva

André Gomes

Textos

João Silva

Comunicação

André Gomes

Érica Teixeira

Produção Técnica

Carlos Viegas

Equipa Técnica

Diogo Leichsenring Franco

(Som/Coordenação)

Leonardo Santos (Som)

Filipe Jesus (Luz)

Frente de Casa e Apoio de Sala

Cândida Vidrago

Laura Silva

Vanessa Oliveira

Daniel da Silva

Apoio Logístico

Santana Rocha

Design

Carolina Carvalho

(Manifesto Works)

Vídeo

Daniel Assunção

